



Guia sobre a Dislexia da IDA

O que toda família deveria saber

Associação Internacional de Dislexia.

Tradução e adaptação brasileira:

Laboratório de Neuropsicologia

Cognitiva e Escolar - LANCE - UFSC

International **DYSLEXIA** Association®

Guia sobre a Dislexia da IDA: O que toda família deveria saber

Introdução	1
Capítulo 1: Definição de dislexia da IDA	2
Capítulo 2: Características da dislexia	3
Capítulo 3: A avaliação para o diagnóstico da Dislexia	12
Capítulo 4: Identificação de abordagens de ensino eficazes - Ensino sistemático da Alfabetização	24
Capítulo 5: Administrando a educação de um estudante com dislexia	31
Capítulo 6: Transição para a faculdade	36
Capítulo 7: Leituras e materiais recomendados sobre a Dislexia	47
Capítulo 8: Glossário	53
Referências	57

© Copyright 2019, The International Dyslexia Association (IDA).

A IDA encoraja a reprodução e a distribuição deste material. No caso de passagens dos textos serem citadas, a referência apropriada deve ser feita. A reimpressão com fins lucrativos não é permitida.

40 York Road, 4th Floor • Baltimore, MD 21204
Info@DyslexiaIDA.org
www.DyslexiaIDA.org

Tradução e disponibilização no site do LANCE autorizadas pela IDA em maio de 2020

Introdução

Bem-vindo à International Dyslexia Association¹ (IDA). A IDA foi fundada em 1949 em memória ao Dr. Samuel Orton, um pioneiro no campo da dislexia. A missão da IDA é promover ativamente abordagens de ensino e estratégias de intervenção eficazes para pessoas com dislexia e outros transtornos relacionados. A IDA incentiva e apoia a pesquisa interdisciplinar em leitura e divulga essas informações para profissionais e o público em geral.

A IDA possui 42 filiais estaduais nos Estados Unidos e 22 parceiros globais para cumprir com essa missão. Esses colaboradores fornecem informações sobre os melhores métodos para ajudar as pessoas que precisam aprender a ler.

O *Ensino sistemático da Alfabetização* é a abordagem cientificamente fundamentada para aprender a ler. O capítulo 4 aborda esse tema e as abordagens baseadas em evidências envolvidas na aprendizagem da leitura.

Este guia fornece informações necessárias sobre:

- definição de dislexia;
- características da dislexia;
- instrumentos apropriados de avaliação;
- intervenções baseadas em evidência;
- sugestões para gerenciar o processo educacional do indivíduo com dislexia.

Além disso, materiais úteis e um glossário são fornecidos para melhor compreender a dislexia e os transtornos associados.

1. Em português: Associação Internacional de Dislexia.

1

Definição de dislexia da IDA

Neste capítulo você aprenderá sobre a definição de dislexia adotada pela IDA. Esta definição foi desenvolvida com a contribuição de cientistas e médicos de universidades dos Estados Unidos e do Canadá. Trata-se da definição de dislexia também aceita e utilizada pelo Instituto Nacional de Saúde da Criança e Desenvolvimento Humano².

Definição

Dislexia é um Transtorno Específico de Aprendizagem de origem neurológica. Caracteriza-se por dificuldades de precisão e/ou fluência no reconhecimento de palavras e, também, nas habilidades de escrita e de decodificação. Essas dificuldades tipicamente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem que, geralmente, é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas e ao fornecimento de instrução eficaz em sala de aula. Consequências secundárias podem incluir problemas de compreensão e experiência de leitura reduzida que podem dificultar a expansão de vocabulário e de conhecimento.

Adotado pelo Conselho de Administração em 12 de novembro de 2002.

Portanto, a dislexia é um Transtorno Específico de Aprendizagem associado a um determinado padrão de funcionamento cerebral. Além disso, a dislexia parece ter um caráter familiar.

Indivíduos com dislexia têm dificuldade no processamento e manipulação de sons da língua falada. Isso está relacionado com a habilidade de ler palavras de forma precisa e fluente. Esses indivíduos também apresentam dificuldades com a ortografia. Algumas das consequências destas dificuldades e, portanto, da menor experiência de leitura, podem incluir problemas de compreensão de leitura e de vocabulário.

2. Em inglês: National Institute of Child Health and Human Development (NICHD).

2

Características da dislexia

Existem muitos equívocos em relação à dislexia. As famílias precisam conhecer os fatos sobre o transtorno. Este capítulo ajudará você a entender as características mais comuns da dislexia. Além disso, inclui perguntas frequentes e respostas sobre o quadro clínico que podem ser úteis para você.

Introdução

Indivíduos com dislexia têm dificuldade em leitura, escrita, ortografia e/ou matemática, mesmo que eles tenham capacidade e tenham tido oportunidades de aprender. Disléxicos podem aprender, mas geralmente precisam de instruções especializadas para superar sua dificuldade. Frequentemente esses indivíduos têm mentes talentosas e produtivas, mas apresentam uma diferença importante quando se trata de aprendizagens baseadas na linguagem.

Características comuns da dislexia

Muitas pessoas apresentam uma ou duas destas características. Todavia, isso não significa que possuem dislexia. *Uma pessoa com dislexia geralmente manifesta várias dessas características que são duradouras e interferem em sua aprendizagem.*

Linguagem oral:

- Atraso para aprender a falar;
- Dificuldade em pronunciar palavras;
- Dificuldade para adquirir vocabulário ou em utilizar gramática apropriada para a idade;
- Dificuldade em seguir instruções;
- Confusão com *antes/depois*, *direita/esquerda* e assim por diante;
- Dificuldade em aprender o alfabeto, rimas infantis ou canções;
- Dificuldade em entender conceitos e suas associações;
- Dificuldade em lembrar palavras ou problemas com nomeação.

Leitura:

- Dificuldade para aprender a ler;
- Dificuldade em identificar e gerar palavras que rimam; ou em contar as sílabas de uma palavra (*consciência fonológica*);
- Dificuldade em examinar e manipular os sons das palavras (*consciência fonêmica*);
- Dificuldade em discriminar os diferentes sons em uma palavra (*processamento fonológico*);
- Dificuldade em aprender os sons das letras (*correspondência grafofonêmica*);
- Dificuldade em lembrar nomes e formato de letras; ou em nomear letras rapidamente;
- Inversão da ordem das letras ao ler ou escrever;
- Leitura incorreta ou omissões de palavras pequenas;
- Hesitação na leitura de palavras longas;
- Pouca compreensão em leitura oral ou silenciosa, muitas vezes porque as palavras não são lidas de forma precisa;
- Leitura verbal lenta e difícil (com esforço).



Linguagem escrita:

- Dificuldade em colocar as ideias no papel;
- Muitos erros ortográficos;
- Pode ir bem em testes escritos semanais, mas pode apresentar erros ortográficos em trabalhos do dia a dia;
- Dificuldade em revisar trabalhos.

Outros indicadores comumente presentes na dislexia:

- Dificuldade em nomear cores, objetos e letras de forma rápida e sequencial (*NAR: Nomeação Automática Rápida*);
- Dificuldade em memorizar listas, orientações ou fatos;
- Necessidade de ver ou ouvir os conceitos muitas vezes para aprendê-los;
- Distrai-se com estímulos visuais ou sonoros;
- Tendência decrescente no rendimento em avaliações ou no desempenho escolar em geral;

- Trabalho escolar inconsistente;
- Professores dizem: “se ao menos ela se esforçasse mais” ou “ele é preguiçoso”;
- Familiares podem apresentar dificuldades semelhantes.

Características comuns de outros transtornos relacionados à aprendizagem

Indivíduos com dislexia podem apresentar transtornos associados. No entanto, é possível ter apenas dislexia, sem a presença de comorbidades. Alguns dos transtornos coexistentes (e/ou habilidades que podem estar comprometidas) são descritos abaixo:

Disgrafia (*Escrita*)

- Incerteza quanto à lateralidade da mão;
- Escrita com dificuldades ou lenta;
- Papéis e trabalhos bagunçados e desorganizados;
- Dificuldade em copiar;
- Pobre habilidade motora fina;
- Dificuldade em lembrar os movimentos para escrever as letras corretamente.

Discalculia (*Matemática*)

- Dificuldade em contar de forma precisa;
- Pode “ler” incorretamente os números;
- Dificuldade em memorizar e lembrar os fatos matemáticos (como, por exemplo, as tabuadas);
- Dificuldade em copiar problemas matemáticos e organizá-los de forma escrita;
- Muitos erros de cálculo;
- Dificuldade em fixar conceitos matemáticos (vocabulário matemático).



TDHA: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (*Atenção*)

- Desatenção;
- Variabilidade atencional;

- Distratibilidade;
- Impulsividade;
- Hiperatividade.

Dispraxia (*Habilidades motoras*)

- Dificuldade em planejar e coordenar movimentos corporais;
- Dificuldade em coordenar os músculos faciais para produzir sons.

Função executiva/Organização

- Perde trabalhos;
- Pouca noção de tempo;
- Esquece o dever de casa;
- Mesa de trabalho desorganizada;
- Sente-se sobrecarregado com muitas tarefas;
- Trabalha de forma lenta.

Se seu/sua filho(a) apresenta dificuldades para aprender a ler e você identificou várias dessas características, ele ou ela pode precisar de uma avaliação para identificação da origem dessas dificuldades, seja dislexia ou um transtorno relacionado.



Dúvidas frequentes que os pais podem ter

Que tipo de instrução meu/minha filho(a) precisa?

A dislexia e outros transtornos relacionados à aprendizagem não têm cura. Uma instrução apropriada promove o sucesso da leitura e ameniza muitas das dificuldades associadas. A instrução para indivíduos com transtorno de leitura e outros relacionados à aprendizagem deve ser:

- **Explícita** – habilidades necessárias para leitura, ortografia e escrita são explicadas, ensinadas e modeladas diretamente pelo professor. As crianças são desencorajadas a adivinhar as palavras.
- **Sistemática e cumulativa** – tem-se uma sequência definida e lógica de introdução de conceitos; eles são ordenados do simples ao mais complexo; e cada novo conceito baseia-se nos conceitos prévios com uma revisão

integrada para auxiliar o processo de memorização e recuperação da informação.

- **Estruturada** – segue-se um passo a passo para apresentar, revisar e praticar os conceitos.

O Capítulo 4 fornecerá informação adicional sobre a instrução apropriada.

Qual é a instrução de leitura apropriada para uma criança com dislexia?

Pais perguntam frequentemente, “Qual o tipo de instrução que meu filho com dislexia precisa para aprender a ler?” Quase TODAS as crianças com dislexia podem ser ensinadas a ler se lhes for dada uma instrução específica, compreensiva e intensiva. Esta abordagem estruturada à leitura deve ser feita por um professor devidamente capacitado.

A escola do meu filho tem um professor qualificado para ensinar leitura para crianças com dislexia?³

Depende, mas as probabilidades são pequenas. Infelizmente, a maioria dos programas de capacitação nas universidades e colégios, incluindo departamentos de Educação Especial, alfabetização e leitura, não preparam os professores de forma suficiente para satisfazer as necessidades dos estudantes com dislexia. Possuir um diploma de pós-graduação, uma licença de ensino, ou mesmo uma certificação por órgãos públicos ou privados não significa necessariamente que um professor seja altamente qualificado para ensinar leitura, uma vez que muitas destas credenciais são fáceis de se obter e carecem de rigor. Os professores de leitura⁴ devem ter um profundo conhecimento da estrutura da língua que está por trás da leitura. Embora existam, hoje, bons professores de leitura espalhados por todo o país nas nossas escolas, muitos destes procuraram a sua formação para além de um diploma universitário ou das exigências dos departamentos de Educação do Estado e dos

3. Nota da equipe de tradução/adaptação: essa descrição refere-se à realidade norte-americana. No entanto, é possível identificar similaridades com a realidade brasileira.

4. Nota da equipe de tradução/adaptação: no Brasil, o termo “professor de leitura” é pouco utilizado. No âmbito educacional, o termo mais próximo seria “professor alfabetizador”. Outros profissionais que, por seu conhecimento sobre a ciência da leitura, poderiam exercer essa função incluem psicólogos/neuropsicólogos, psicopedagogos e fonoaudiólogos.

sistemas escolares.

Quem é qualificado para ministrar este tipo de instrução de leitura?

A IDA publicou o "*Knowledge and Practice Standards for Teachers of Reading*" (Diretrizes de Conhecimentos e Práticas para Professores de Leitura), que define o que os professores de leitura precisam saber. Em um esforço para promover estas diretrizes, a IDA está revisando e credenciando organizações que se alinham com as suas orientações. Até a data, essas organizações incluem:

- Associação Acadêmica de Terapia de Linguagem⁵;
- Aliança para a Credenciação e Certificação⁶;
- Conselho Internacional de Educação Estruturada e Multissensorial de Linguagem⁷;
- Instituto Nacional de Desenvolvimento da Aprendizagem⁸.

A IDA também começou a credenciar programas de preparação em faculdades e universidades em todo o país, que possuem cursos e práticas que se alinham com as suas Diretrizes. Uma lista dos programas universitários credenciados⁹ pode ser encontrada no website da IDA.

É um professor qualificado e competente, e NÃO um currículo, que ensina uma criança a ler. De acordo com um pioneiro no campo da dislexia, "Um professor que sabe o que ensinar e como ensinar poderia usar um graveto na areia para ensinar uma criança disléxica a ler". Um bom currículo apenas torna o processo ainda melhor!

O que precisa ser incluído em uma aula de reforço para uma criança com dislexia?

Embora as aulas variem ligeiramente de currículo para currículo, certos componentes são cruciais para a criança com dislexia. Segue-se uma lista dos elementos das aulas

5. Em inglês: Academic Language Therapy Association (ALTA).

6. Em inglês: Alliance for Accreditation and Certification.

7. Em inglês: International Multisensory Structured Language Education Council (IMSLEC).

8. Em inglês: National Institute of Learning Development (NILD).

9. Nota da equipe de tradução/adaptação: essa descrição refere-se à realidade norte-americana.

que são frequentemente incluídos na remediação da dislexia:

História da Linguagem

Apresente a história da língua. Isto proporciona uma base significativa para as crianças compreenderem de onde veio a nossa língua. Em última análise, permitirá que as crianças compreendam os elementos mais básicos da nossa língua e como isto afeta as regras de leitura e de ortografia.

Alfabeto

Certifique-se de que a criança possui conhecimento das letras do alfabeto. Conhecer o alfabeto é fundamental para o aprendizado da leitura e ortografia. Muitos estudantes com dislexia são capazes de "cantar" ou "entoar" o alfabeto, mas não conseguem apontar, nomear e nem reconhecer cada uma das letras individualmente.

Consciência Fonêmica

Inclua atividades de consciência fonêmica em cada aula. Por exemplo, a palavra gato é composta por quatro fonemas, /g/ /a/ /t/ /o/, e a palavra folha é composta por quatro fonemas, /f/ /o/



/lh/ /a/. Os déficits de consciência fonêmica são a causa subjacente da dislexia e é fundamental que as crianças desenvolvam esta competência. A prática deve ser independente do trabalho com as letras e deve concentrar-se especificamente nos fonemas.

Instrução fônica

A instrução deve basear-se nos padrões mais confiáveis de ensino de leitura e ortografia, começando por instruções mais simples e progredindo para as mais complexas. Devem ser dadas às crianças as competências necessárias para apropriarem-se do código escrito.

Fluência

A prática da fluência deve ser realizada ao nível das palavras e basear-se em padrões comuns de sílabas, de divisão de sílabas e morfemas (a menor unidade significativa, tal como *cant-* na palavra cantar). Os estudantes com dislexia também precisam lidar com *palavras irregulares*, aquelas palavras comuns em diversas línguas e que não

seguem as regras ortográficas. No entanto, em algumas línguas, estas são as primeiras e mais frequentes palavras com as quais os leitores principiantes se deparam¹⁰.

Compreensão

A compreensão é o objetivo final da leitura, e não deve ser considerada como um subproduto da decodificação. As crianças com dislexia precisam de instruções explícitas de compreensão. As habilidades de compreensão devem incluir vocabulário, raciocínio, gramática, interpretação e compreensão oral. As crianças devem ser expostas a estas competências através de textos narrativos e expositivos.

Ortografia

A ortografia é talvez a habilidade mais difícil para os disléxicos dominarem. A ortografia deve ser ensinada através de uma abordagem sistemática, começando com os padrões frequentes e familiares da língua. O ensino ortográfico deve reforçar as competências que são ensinadas na leitura.

Caligrafia

Os estudantes disléxicos se beneficiam da instrução em escrita cursiva. Esta instrução deve concentrar-se no tamanho das letras, o espaço entre as palavras e na direção, ou seja, que a escrita sempre acontece da esquerda para a direita. A caligrafia reforça a abordagem multissensorial da leitura e da ortografia.

Habilidades de Estudo e Estratégias de Aprendizagem

Crianças com dislexia precisam de orientação no desenvolvimento de hábitos de estudos efetivos. A organização é frequentemente uma dificuldade para crianças com dislexia e, por isso, necessitam de orientação com tempo, espaço e materiais, bem como de uma abordagem para lidar com suas tarefas. Isto deve incluir uma variedade de habilidades e estratégias para ajudar o estudante a desenvolver metacognição, ou seja, a habilidade de "pensar sobre seu pensamento".

Qual a frequência das sessões para remediação da leitura?

As crianças precisam de prática repetida até dominarem uma habilidade. Para a

10. Nota da equipe de tradução/adaptação: o inglês, língua original deste documento, possui ortografia mais opaca (com mais irregularidades ortográficas) que o português. Ainda assim, há de se mencionar a ocorrência de irregularidades também em nossa língua (por exemplo: CASA e TÁXI).

maioria das crianças, os maiores índices de sucesso ocorrem quando há uma prática diária, com o apoio e orientação de um profissional qualificado.

O que mais eu posso fazer para ajudar o meu filho(a) com dislexia?

Leia para o seu filho e ajude-o a desenvolver a capacidade de compreensão oral. Aproveite os *audiobooks* (livros gravados em áudio¹¹). Ajude o seu filho a desenvolver o amor por escutar histórias, bem como o apreço pela boa literatura.



Procure uma avaliação de um profissional qualificado para determinar o perfil específico de dislexia do seu filho.

Seja cauteloso com falsas promessas de "curas" para a dislexia. Elas são abundantes, onerosas e atraem os pais, pois oferecem uma "solução rápida". Algumas destas incluem lentes coloridas ou sobreposições de lentes, terapia visual e treinamento cerebral. [Ver *Learning Disabilities, Dyslexia, and Vision*. American Pediatric Journal, Vol. 127 No. 3, 1 de Março de 2011].

11. Nota da equipe de tradução/adaptação: a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) disponibiliza alguns audiobooks em seu site. Visite: <https://www.dislexia.org.br/>

3

A avaliação para o diagnóstico da Dislexia

É importante compreender o que deve estar presente em uma boa avaliação quando há suspeita de dislexia. Neste capítulo, você aprenderá sobre o processo de avaliação e irá se familiarizar com seus vários componentes. Isto o ajudará a fazer perguntas específicas ao profissional que conduzirá a avaliação. Você poderá certificar-se de que a avaliação é abrangente e inclui recomendações não só para intervenção como também a documentação adequada para as adaptações para provas e em sala de aula que ajudarão o indivíduo com dislexia.

Introdução

Quando uma criança tem dificuldades de leitura, alguém provavelmente sugerirá que ela faça “um teste” para um possível diagnóstico de dislexia. Mas o que significa ser “testado”? Você pode pensar em um teste como algo que se faz em uma tarde. Alguém o pontua e diz-lhe como você foi. *Avaliação* é uma palavra mais precisa para descrever o processo de determinar se alguém tem dislexia. A palavra *avaliação* engloba identificação, rastreio, teste, diagnóstico e todas as outras informações coletadas quando o estudante, a família e uma equipe de profissionais trabalham em conjunto para determinar as causas das dificuldades que o estudante está apresentando e o que pode ser feito para ajudá-lo.

Por que a avaliação é importante?

Uma avaliação é o processo de coleta de informação para identificar os fatores que contribuem para a dificuldade de um estudante em aprender a ler e a escrever. Em primeiro lugar, são coletadas informações dos pais e professores para compreender o desenvolvimento e as oportunidades educacionais que foram proporcionadas ao estudante. Depois, são feitos testes para identificar as potencialidades e fraquezas, gerando um diagnóstico e um roteiro provisório para a intervenção.

As conclusões e recomendações são desenvolvidas e comunicadas.

Quando um estudante tem dificuldades de leitura e ortografia, uma avaliação é importante por **três razões**:

1. **Diagnóstico** – Uma avaliação eficaz identifica a provável origem do problema. Exclui outras causas comuns de dificuldades de leitura e determina se o perfil de potencialidades e fraquezas do aluno se enquadra na definição de dislexia.
2. **Planejamento da intervenção** – Uma avaliação eficaz desenvolve um programa de tratamento individualizado. Os estudantes que têm um Transtorno de Aprendizagem específico na leitura (dislexia) precisam de uma abordagem especializada em instrução de leitura para progredir. É crucial que essa instrução especializada comece no nível atual de desenvolvimento da habilidade de leitura do aluno, ao invés do ano escolar em que ele está. Uma avaliação eficaz auxilia pais e professores a identificarem quais as competências específicas que estão prejudicadas e onde deve-se começar o ensino da leitura e da escrita.
3. **Documentação** – Uma avaliação eficaz documenta a história da dificuldade de aprendizagem de um estudante. Ao final do processo de avaliação, as conclusões deste devem ser expressas em um laudo. Um dos objetivos deste documento é determinar a elegibilidade para serviços específicos, incluindo a Educação Especial¹². Um laudo pode também ser necessário para a obtenção de adaptações na faculdade ou no local de trabalho.

Quando uma criança deve ser avaliada?

É possível identificar características de risco em crianças pequenas, mesmo antes de se transformarem em dificuldades de leitura. Testes de rastreio, desenvolvidos por especialistas para fins de triagem, devem ser utilizados com todos os estudantes. O processo pode começar na pré-escola, para identificar os alunos com potencial risco de dificuldade de leitura. A intervenção preventiva deve começar imediatamente, mesmo em caso de suspeita de dislexia. A forma como a criança responde à instrução

12. Nota da equipe de tradução/adaptação: no Brasil, a Política de Educação Especial garante o atendimento educacional especializado a educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento (TEA) e altas habilidades ou superdotação. Salvo por leis Estaduais ou Municipais, a dislexia não está incluída entre as condições com previsão de atendimento especializado.

suplementar ajudará a determinar se serviços de atendimento especializado são justificados e necessários.

Antes do segundo ano escolar, é importante concentrar a avaliação nos precursores do desenvolvimento da leitura. Medidas de competências linguísticas, consciência fonológica, memória e nomeação rápida são mais sugestivas de risco para dislexia entre crianças pequenas do que medidas de leitura, decodificação e escrita de palavras.

Portanto, medidas de consciência fonológica, memória e nomeação rápida são tipicamente incluídas na pré-escola e início do primeiro ano. Testes de rastreio permitem a identificação de crianças que necessitam de intervenção direcionada para melhorar essas habilidades críticas, de modo a atingir os padrões de referência do seu nível escolar. Embora existam muitos testes que podem ser utilizados (na pré-escola e no início do primeiro ano) para avaliar as aptidões iniciais em leitura e escrita, os padrões de desempenho médio não são rigorosos. Por exemplo, uma criança no fim da pré-escola ou no início do primeiro ano precisa, nestes instrumentos, apenas ler algumas letras e duas ou três palavras familiares para obter a pontuação necessária para atingir a “média”. Em comparação com outros alunos iniciantes, os estudantes com dislexia podem não parecer “atrasados”. Além disso, mesmo que o aproveitamento seja baixo ou insuficiente, isso não explica porque a criança não está aprendendo conforme o esperado.

Na metade do primeiro ano escolar (no Brasil, em agosto ou setembro), os testes de leitura, decodificação e escrita de palavras tornam-se úteis para fornecer informações sobre o que o estudante aprendeu e quais as lacunas de conhecimento existentes. Essas informações podem ser utilizadas para planejar o ensino e orientar a avaliação contínua.



O que deve ser incluído na avaliação?

As seguintes áreas devem ser consideradas na realização de uma avaliação:

Informações básicas

Informações de familiares e professores dizem muito sobre o desenvolvimento geral do estudante e seu padrão de potencialidades e fraquezas. Como a dislexia possui uma base genética, um histórico familiar de transtorno de leitura pode sugerir que o estudante apresenta uma maior propensão a ter dislexia. Um histórico de atrasos na fala e linguagem também coloca a criança em risco de possuir dificuldades de leitura. É, ainda, importante saber os tipos e a duração de todas as intervenções que o estudante recebeu na escola, em casa, ou por outros profissionais, bem como a resposta a esses tratamentos. Problemas devidos à baixa assiduidade escolar devem ser descartados, uma vez que poderiam explicar algumas fraquezas no desenvolvimento de habilidades.

Inteligência

Até recentemente, um teste de inteligência era considerado como uma parte necessária da avaliação porque o diagnóstico de um Transtorno de Aprendizagem era baseado em encontrar uma diferença significativa entre o QI e a habilidade de leitura. Desempenho escolar inferior, apesar de inteligência média ou superior, era considerado um indicador-chave. O entendimento atual não mais requer a presença de tal discrepância quando se faz o diagnóstico¹³. Essa mudança ocorreu, pois, muitos estudos mostraram que a inteligência não é o melhor preditor do quão bem um estudante desenvolverá habilidades de linguagem escrita (leitura e escrita). Ao contrário, habilidades de linguagem oral (compreensão e expressão oral) são consideradas os melhores preditores de leitura e escrita.

Uma avaliação formal de inteligência nem sempre é necessária para comprovar habilidades intelectuais preservadas. Para crianças mais jovens, a informação dos pais sobre desenvolvimento de linguagem e a informação dos professores sobre as

13. Nota da equipe de tradução/adaptação: apesar disso, o DSM-5 traz como critério diagnóstico a necessidade de se descartar Deficiência Intelectual (DI) como causa da dificuldade de aprendizagem para o diagnóstico do Transtorno Específico de Aprendizagem. Deste modo, a avaliação da inteligência (ao lado de uma avaliação de funcionalidade, que é fundamental ao diagnóstico de DI) continua sendo relevante.

habilidades da criança em aprender oralmente podem indicar habilidades intelectuais dentro de uma média esperada de desempenho. Para estudantes mais velhos ou adultos, desempenhos anteriores na escola ou trabalho podem indicar ao menos uma inteligência média.

Habilidades de linguagem oral

A linguagem oral, de modo simplificado, refere-se à habilidade de ouvir e compreender a língua falada e de expressar pensamentos por meio dela.

A linguagem oral é formada por habilidades básicas, como o reconhecimento e produção de sons na fala. Essas aptidões são necessárias para a leitura automática e precisa de palavras. Habilidades de nível superior ou complexas, como entender o significado ao ouvir alguém falar ou



criar frases para expressar pensamentos, são primordiais para a compreensão. Estudantes com dislexia geralmente apresentam habilidades de linguagem oral de nível superior adequadas. Indicadores de habilidades de linguagem oral de nível superior incluem a capacidade de entender uma história apropriada para a faixa etária e instruções orais, manter uma conversa, e entender e usar palavras adequadas para a idade. Se um estudante tem essas habilidades preservadas, mas tem muita dificuldade em desenvolver habilidades de linguagem escrita (leitura e ortografia), é recomendável que seja feita uma avaliação para investigação de dislexia.

Apesar dos estudantes com dislexia geralmente apresentarem habilidades de linguagem oral de nível superior apropriadas, eles comumente demonstram problemas (um déficit) em habilidades básicas de linguagem (consulte seção seguinte “Processamento fonológico”). Este déficit limita a habilidade de aprender a ler e escrever usando os sons da fala. Crianças mais jovens com dislexia costumam ter atrasos no desenvolvimento de linguagem oral, mas suas habilidades de nível superior geralmente estão adequadas à faixa etária no momento em que entram na escola. Dificuldades com habilidades complexas de linguagem oral sugerem uma necessidade de avaliação de linguagem por um fonoaudiólogo, de modo a analisar se há comprometimento da linguagem.

Reconhecimento de palavras

Reconhecimento de palavras é a habilidade de ler palavras isoladas. Também é chamado de identificação ou leitura de palavras. Testes de reconhecimento de palavras requerem que estudantes leiam palavras impressas de maneira individual em uma lista. O estudante não é capaz de usar pistas, como o significado de uma frase, para ajudá-lo a identificar a palavra. Testes de reconhecimento de palavras que avaliam tanto a acurácia como o tempo que o estudante leva para ler as palavras (fluência) são particularmente úteis. Estudantes com dislexia frequentemente se tornam mais precisos, mas continuam com uma leitura muito lenta. Tanto a precisão quanto a velocidade de leitura de palavras podem afetar a compreensão do que é lido.

Decodificação

Decodificação é a habilidade de ler palavras não familiares usando o conhecimento das correspondências letra-som, padrões de ortografia e segmentando a palavra em partes menores, como sílabas. Os testes de decodificação devem usar pseudopalavras (em inglês, “*nonsense word*”), ou seja, “palavras” que parecem palavras reais, mas que não tem significado, como “*frute*” ou “*crilo*”, forçando o estudante a confiar nas habilidades de decodificação em vez de na memória de palavras já aprendidas.

Escrita

Testes de escrita ou de ortografia medem a habilidade do estudante de escrever palavras isoladas com base na memória, usando seus conhecimentos, por exemplo, sobre as correspondências letra-som, padrões de letras que se unem para formar um som (como *-lh* em *folha*), a maneira como plurais são escritos (*-s*, *-ões*, *-as*, *-es*, *-is*, etc.) e assim por diante. Escrever ou ortografar é o processo oposto à decodificação e é mais difícil. É preciso separar os sons individuais de cada palavra, lembrar as diferentes maneiras que cada som pode ser escrito e escolher uma forma de escrever as respectivas letras, continuando a fazer o mesmo para os sons seguintes. A escrita sobrecarrega a memória de curto e longo prazo da criança e é afetada pela facilidade ou dificuldade que a criança tem em escrever as letras, legivelmente e na ordem correta. A escrita tende a ser a maior fraqueza entre estudantes com dislexia e é a mais difícil de se tratar.

Processamento fonológico

Fonologia é uma pequena parte da habilidade de linguagem. É uma habilidade básica, uma vez que não envolve significado. Fonologia é o “sistema de sons” da língua. A linguagem falada é feita de palavras, partes de palavras (como as sílabas) e sons individuais (os fonemas). Devemos ser capazes de pensar, lembrar e sequenciar corretamente os sons das palavras para aprender a associar letras a sons para ler e escrever. Bons leitores fazem isso automaticamente, sem esforço consciente. Contudo, estudantes com dislexia têm dificuldade em identificar, pronunciar ou recordar sons. Testes de processamento fonológico focam nessas habilidades.

Automaticidade/fluência

Estudantes com dislexia costumam ter uma velocidade mais lenta de processamento de informações (visuais ou auditivas). Instrumentos podem ser utilizados para medir a Velocidade de Nomeação (também chamada Nomeação Automatizada Rápida). Geralmente, são utilizados conjuntos de objetos, cores, letras e números. Esses itens são apresentados, dispostos em linhas, em cartões, e o estudante deve nomear cada um deles o mais rapidamente possível. Velocidade de nomeação, particularmente de nomeação de letras, é um dos melhores preditores de dificuldades de leitura. Assim, é comumente usado como parte de uma avaliação de triagem no caso de crianças mais jovens. Menor velocidade de nomeação de letras resulta em problemas no desenvolvimento da fluência de leitura. Isso também dificulta que os estudantes tenham bom desempenho em testes cronometrados (ou com pressões de tempo). Estudantes que têm tanto um déficit em velocidade de nomeação quanto déficit em processamento fonológico possuem o que é conhecido por “duplo déficit”. Nessa condição, estes estudantes possuem dificuldades mais graves do que aqueles com déficit em apenas uma dessas habilidades.

Compreensão de leitura

Tipicamente, estudantes com dislexia têm escores mais baixos em testes de compreensão de leitura do que nos testes de compreensão oral. Isso ocorre por conta de suas dificuldades em decodificar e ler palavras com precisão e fluência. É importante, contudo, atentar que estudantes com dislexia normalmente têm boas habilidades de linguagem oral de nível superior e são capazes de apreender a ideia central de determinada passagem, apesar de sua dificuldade com as palavras. Além disso, testes de compreensão de leitura geralmente requerem que o estudante leia

apenas uma pequena passagem à qual ele pode referir ao responder às perguntas. Por essas razões, estudantes com dislexia podem obter uma pontuação média em testes de compreensão de leitura, apesar de ainda apresentarem dificuldade em ler e entender tarefas de leitura mais longas, como aquelas nos livros didáticos de seu ano escolar.

Conhecimento de vocabulário

É importante considerar o conhecimento de vocabulário, pois ele interfere de modo importante na compreensão oral e escrita. Dificuldades que alunos com dislexia podem ter tido para aprender a linguagem ou com a memória podem afetar a habilidade de aprender o significado das palavras (vocabulário). A leitura independente também é um meio importante de desenvolver novo vocabulário. Pobres leitores, que normalmente leem menos, são mais propensos a ter atrasos no desenvolvimento do vocabulário. É importante notar, todavia, que estudantes com dislexia podem ter um desempenho inferior em testes de vocabulário que envolvem leitura devido a problemas de decodificação e não por desconhecer o significado de determinadas palavras. Por esta razão, é adequado aplicar tarefas de vocabulário que envolvam tanto a leitura quanto a compreensão oral, para se obter uma melhor avaliação do conhecimento de vocabulário.

O perfil de potencialidades e fraquezas de um indivíduo com dislexia varia com a idade, oportunidades educacionais e a influência de fatores concomitantes como ajustamento emocional, habilidade de prestar atenção em situações de aprendizagem, dificuldades de saúde ou motivação. No entanto, grupos de características distintivas são observados frequentemente.

Histórico familiar e desenvolvimento inicial

- Relato de dificuldades de leitura/escrita ao longo das gerações familiares;
- Histórico pré-natal e de nascimento normais;
- Atrasos/dificuldades na aquisição da fala e linguagem.

Infância e anos escolares iniciais

- Dificuldades em rimar, combinar sons, aprender o alfabeto e associar letras com sons;

- Dificuldades em aprender regras ortográficas – escrevendo palavras com apoio na oralidade (por exemplo, “*folia*” ao invés de *folha*); e uso do nome da letra para codificar sons (“*haveta*” para *gaveta*);
- Compreensão oral é geralmente melhor do que compreensão leitora – ou seja, a criança pode entender uma história quando alguém lê para ela, mas tem dificuldade ao lê-la sozinha.

Ensino Fundamental e Ensino Médio

- Leitura relutante (tendem a evitar ou se envolver de forma relutante com a leitura);
- Leitura lenta, com padrão de palavra em palavra, com grande dificuldade com palavras em lista (fora de um contexto), pseudopalavras e palavras que não pertençam ao seu vocabulário oral;
- Dificuldade em escrever, com erros de ortografia, trocas e omissões de sons, e adição ou subtração de letras ou de sílabas inteiras;
- Escrita não fluente – vagarosa, com pouca qualidade e quantidade de produção;
- Na fala, tendência em pronunciar incorretamente palavras comuns (por exemplo, “*madastra*” ao invés de *madrasta*); e dificuldade ao usar ou compreender estruturas gramaticais mais complexas;
- Pobre conhecimento e uso de vocabulário.

Resultado da avaliação

A avaliação deve resultar em um relatório que deve detalhar os tipos de informações coletadas. Isso inclui informações relacionadas ao histórico familiar de alfabetização, problemas de saúde significativos, condições pré e perinatal, e o desenvolvimento pré-escolar, incluindo a aquisição da linguagem oral. O histórico escolar deve incluir informações sobre frequência escolar, avaliações e resultados dos testes aplicados, que devem ser relatados em pontuações padronizadas. As pontuações padronizadas comparam os resultados da criança com o de outras de mesma faixa etária ou ano escolar. Esse material escrito permite uma



visão geral para a análise detalhada das potencialidades e fraquezas nas diferentes habilidades avaliadas, bem como a comparação com o perfil típico de dislexia, considerando a idade da criança. Essa análise deve levar a um diagnóstico provisório que permita afirmar se a capacidade da criança para aprender a ler e escrever pode ou não estar relacionada à dislexia. As evidências específicas que dão suporte ao diagnóstico devem ser explicadas no relatório.

Diagnóstico

O diagnóstico da dislexia inicia-se com a coleta de informações recolhidas através de entrevistas, observações e aplicação de testes padronizados. Essas informações podem ser coletadas por diversos membros da equipe que inclui o(s) professor(es), o fonoaudiólogo, um especialista em avaliação educacional¹⁴ e uma equipe médica (na suspeita de dificuldades co-ocorrentes relacionadas ao desenvolvimento, saúde ou atenção).

A tarefa de relacionar e interpretar as informações coletadas deve ser responsabilidade de um profissional familiarizado com as características importantes da dislexia nos diferentes estágios de desenvolvimento das habilidades de alfabetização. Deve também ter conhecimento da influência do desenvolvimento da linguagem e comportamento no processo de alfabetização. Frequentemente são os psicólogos escolares¹⁵ e/ou fonoaudiólogos que se responsabilizam por esta tarefa.

CUIDADO: O diagnóstico inicial de dislexia é apenas uma conclusão provisória com base nos dados disponíveis. Um leitor com pobres habilidades de leitura pode “se encaixar no perfil” de dislexia. No entanto, se o aprendiz responder rapidamente a uma intervenção adequada, a origem da dificuldade de leitura provavelmente estará relacionada às oportunidades educacionais prévias, mais do que a problemas na constituição neurobiológica da criança que limitam a sua capacidade de aprender a partir das instruções fornecidas. A capacidade do aluno de se beneficiar de instrução/ ensino focado nas habilidades básicas de leitura e escrita oferece informações

14. Nota da equipe de tradução/adaptação: no Brasil, esse profissional seria o psicopedagogo. A avaliação neuropsicológica também é recomendada.

15. Nota da equipe de tradução/adaptação: no Brasil, são os psicólogos e outros profissionais da área clínica (e não os escolares) que, via de regra, possuem esse papel.

valiosas e necessárias para confirmar ou rejeitar o diagnóstico inicial.

Planejamento de intervenção

Por fim, o relatório deve identificar os programas educacionais mais apropriados para atender as lacunas e dificuldades nas habilidades específicas identificadas ao longo do processo de avaliação. Muitas crianças já dominam algumas habilidades iniciais de leitura. Portanto, nem sempre é necessário ou razoável que o aluno tenha que começar suas lições desde um nível inicial. Embora alguns programas possuam testes ou provas que auxiliam o professor a decidir o começo da instrução, outros não contam com esse recurso. Por essa razão, informações sobre as habilidades específicas da criança precisam ser detalhadas no relatório para auxiliar na identificação do ponto de partida para a instrução. Os programas ou estratégias de intervenção recomendados devem ser coerentes com os tipos de conteúdo e métodos que as pesquisas mostraram ser eficazes para estudantes com dislexia e outras dificuldades de leitura. Se indicada, a recomendação de avaliações adicionais – visão, audição, motricidade fina (terapia ocupacional), atenção e/ou ajustamento emocional – também deve ser incluída.

Documentação¹⁶

O relatório da avaliação servirá como documentação necessária para determinar a elegibilidade para serviços de assistência, incluindo educação especializada. As diretrizes específicas para determinar a elegibilidade são baseadas em regulamentos federais estabelecidos pela Lei de Educação de Indivíduos com Deficiências (IDEA)¹⁷. É importante observar, entretanto, que os critérios específicos, como pontuações de corte para elegibilidade, variam de estado para estado.

16. Nota da equipe de tradução/adaptação: a descrição desta seção refere-se à realidade norte-americana. No Brasil, o laudo permite algumas adaptações e adequações em sala de aula, na realização de provas e concursos.

17. Nota da equipe de tradução/adaptação: como mencionado anteriormente, não há, no Brasil, uma legislação específica para a pessoa com dislexia. Porém, o Decreto Nº 10.502, de 30 de setembro de 2020, que institui a Política Nacional de Educação Especial, garante a pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento (TEA) e altas habilidades ou superdotação o direito ao atendimento educacional especializado. Em algumas situações, flexibilização e interpretação deste decreto podem ser utilizados para favorecer a inclusão e aprendizagem do dislético.

Os pais ou responsáveis de uma criança com dislexia devem garantir as melhores oportunidades educacionais possíveis para essa criança. Para isso, deve compreender o relatório de diagnóstico e ter conhecimento dos direitos legais da criança. Informações sobre tópicos relacionados, como metodologias de ensino, adaptações e modificações de ensino estão disponíveis nas fichas técnicas¹⁸ da IDA.

18. Nota da equipe de adaptação/tradução: no Brasil, informações podem ser obtidas junto a associações como a Associação Brasileira de Dislexia (<https://www.dislexia.org.br/>) e Instituto ABCD (<https://www.institutoabcd.org.br/>). Consulte também o site do LANCE (<https://lance.paginas.ufsc.br/>) para informações e materiais educativos e de divulgação científica sobre dislexia.

4

Identificação de abordagens de ensino eficazes – Ensino sistemático da Alfabetização

Neste capítulo, você aprenderá sobre uma instrução eficaz conhecida como *Ensino sistemático da Alfabetização*. As escolas precisam fornecer instruções estruturadas para o aprendizado de leitura e escrita para que os alunos atinjam altos níveis de alfabetização. Aprenda sobre os componentes do *Ensino sistemático da Alfabetização* e como ele é implementado. Conheça também as Diretrizes de Conhecimentos e Práticas para Professores de Leitura da IDA.

Introdução ao Ensino sistemático da Alfabetização

A instrução sustentada pela pesquisa é explícita, sistemática e cumulativa. Em outras palavras, existe um planejamento; e a instrução é *organizada*.

Esta abordagem baseada em evidências integra as habilidades de compreensão e expressão (orais), leitura e escrita. Ou seja, o ensino incorpora todos os aspectos da *alfabetização*.

Esta instrução incorpora e define o *Ensino sistemático da Alfabetização*.

O *Ensino sistemático da Alfabetização* enfatiza a estrutura da linguagem, incluindo o sistema de sons da fala (fonologia), o sistema de escrita (ortografia), a estrutura das frases (sintaxe), as partes significativas das palavras (morfologia), as relações entre as palavras (semântica), e a organização do discurso oral e escrito. A integração de ouvir (compreender), falar, ler e escrever torna esta instrução multissensorial.

O objetivo final do *Ensino sistemático da Alfabetização* é o desenvolvimento de níveis avançados de compreensão e expressão e de hábitos de leitura e escrita a longo prazo. Embora todos os aspectos deste método sejam essenciais para alunos com dislexia, ele também aprimora a leitura e o desempenho acadêmico de todos os estudantes.

O conteúdo do Ensino sistemático da Alfabetização - O que é ensinado

O *Ensino sistemático da Alfabetização* é constituído por vários elementos. A intensidade e a inclusão desses elementos na instrução variam de acordo com as necessidades de cada estudante. As necessidades dos alunos são determinadas por meio do monitoramento contínuo do seu progresso.

Fonologia

A fonologia é o estudo da estrutura sonora das palavras faladas e é um elemento crítico da *instrução sistemática de Linguagem*. A consciência fonológica inclui rimar, contar palavras em frases faladas e bater palma para cada sílaba em palavras faladas. Um aspecto importante da consciência fonológica é a consciência fonêmica ou a habilidade de segmentar palavras nos sons que as compõem, os chamados fonemas. Um fonema é a menor unidade de som em um determinado idioma que pode ser reconhecido como sendo distinto de outros sons no idioma. Por exemplo, a palavra *paz* tem três fonemas (/ p /, / a /, / z /), e a palavra *rapaz* tem cinco fonemas (/ r /, / a /, / p /, / a /, / z /) [adaptado para Língua Portuguesa pela equipe de tradução e adaptação].

Associação entre símbolos e sons

Assim que os alunos desenvolverem a consciência dos fonemas da língua falada, eles devem aprender como mapear os fonemas em seus símbolos ou letras. A associação símbolos-sons deve ser ensinada e dominada em duas direções: visual para auditivo (leitura) e auditivo para visual (ortografia). Além disso, os alunos devem dominar a combinação de sons e letras em palavras, bem como a segmentação de palavras inteiras em sons individuais. A instrução de associações símbolos-sons é frequentemente chamada de fônica. Embora a fônica seja um componente da *Alfabetização*, ela está inserida em um contexto de linguagem rico e profundo.



Instrução de sílabas

Uma sílaba é uma unidade de linguagem oral ou escrita com um som vogal¹⁹. A *instrução das sílabas deve incluir o ensino dos sete tipos básicos de sílaba na língua portuguesa: CV (Consoante-Vogal, **ma-la**), V (**u-nha**), VC (**es-ca-da**), CVC (**por-ta**), CCV (**bra-ço**), CCVC (**brin-co**), CVCC (**pers-pi-caz**)* [adaptado para Língua Portuguesa pela equipe de tradução e adaptação]. O conhecimento dos tipos de sílabas é importante para a organização do leitor. Ao conhecer o tipo de sílaba, o leitor pode determinar melhor o som da vogal nela. As regras de divisão de sílabas aumentam a consciência do leitor acerca de onde uma palavra longa e desconhecida pode ser dividida para uma maior precisão na leitura da palavra.

Morfologia

Morfologia é o estudo dos morfemas, a menor unidade de significado na linguagem. O currículo de *Ensino sistemático da Alfabetização* inclui o estudo de palavras-base, raízes, prefixos e sufixos. A palavra *agricultor*, por exemplo, contém o radical *-cult-*, que significa cultivar, o prefixo *agri-*, que significa campo, e o sufixo *-or* que significa aquele que. Um agricultor é aquele que cultiva o campo.

Sintaxe

Sintaxe é o conjunto de princípios que ditam a sequência e a função das palavras em uma frase para transmitir significado. Isso inclui gramática, variação de frase e os mecanismos da linguagem.

Semântica

A semântica é o aspecto da linguagem preocupado com o significado. O currículo (desde o início) deve incluir instrução na compreensão da linguagem escrita.

Os princípios da instrução - Como é ensinado

O *Ensino sistemático da Alfabetização* é distinto na forma como os elementos essenciais são ensinados. A instrução segue os seguintes princípios:

Sistemático e cumulativo

O *Ensino sistemático da Alfabetização* é sistemático e cumulativo. Sistemático

19. Nota da equipe de tradução/adaptação: uma sílaba é uma unidade de linguagem que pode ser pronunciada por uma única emissão vocal. Na Língua portuguesa, a base das sílabas são as vogais, ou seja, todas as sílabas são compostas de pelo menos uma vogal.

significa que a organização do material segue a ordem lógica da linguagem. A sequência deve começar com os conceitos e elementos mais fáceis e básicos e progredir metodicamente para os conceitos e elementos mais difíceis. Cumulativo significa que cada etapa deve ser baseada em conceitos previamente aprendidos.

Instrução explícita

O *Ensino sistemático da Alfabetização* requer o ensino deliberado de todos os conceitos com interação contínua aluno-professor. Não se presume que os alunos deduzirão naturalmente esses conceitos por conta própria.

Ensino diagnóstico

O professor deve prover instrução individualizada. Ou seja, uma instrução que atenda às necessidades do aluno. A instrução é baseada em uma avaliação cuidadosa e contínua, tanto informal (por exemplo, observação) quanto formal (por exemplo, com medidas padronizadas). O conteúdo apresentado deve ser dominado pelo aluno até atingir a automaticidade. A automaticidade é crítica para liberar a atenção e recursos cognitivos do aluno para compreensão e expressão.

A história e a eficácia do Ensino sistemático da Alfabetização - como começou e por que funciona

O Dr. Orton e seus colegas começaram a usar técnicas multissensoriais em meados da década de 1920 na clínica móvel de saúde mental que ele dirigia em Iowa. Dr. Orton foi influenciado pelo método cinestésico descrito por Grace Fernald e Helen Keller. Ele sugeriu que o reforço cinestésico-tátil das associações visuais e auditivas poderia corrigir a tendência de confundir letras semelhantes e de transpor a sequência de letras durante a leitura e a escrita. Por exemplo, os alunos que confundem **b** e **d** são ensinados a usar traços consistentes e diferentes ao formar cada letra. Os alunos fazem a linha vertical antes de desenhar o



círculo ao escrever a letra **b**; eles formam o círculo antes de desenhar a linha vertical ao escrever a letra **d**.

Anna Gillingham e Bessie Stillman basearam seu manual de ensino para o "Método alfabético", original de 1936, nas teorias do Dr. Orton. Elas combinaram técnicas multissensoriais para o ensino da estrutura do inglês escrito, incluindo os sons (fonemas), unidades de significado (morfemas como prefixos, sufixos e raízes) e regras de ortografia comuns. A frase "abordagem Orton-Gillingham" refere-se às estruturas e técnicas sequenciais e multissensoriais estabelecidas pelo Dr. Orton, a Sra. Gillingham e seus colaboradores. Muitos programas, hoje, incorporam métodos e princípios descritos pela primeira vez neste trabalho fundamental, bem como outras práticas apoiadas por pesquisas.

Pesquisas atuais, muitas das quais apoiadas pelo Instituto Nacional de Saúde Infantil e Desenvolvimento Humano, têm demonstrado o valor do ensino explícito e estruturado da língua para todos os alunos, especialmente aqueles com dislexia. Os programas que funcionam diferem em suas técnicas, mas têm muitos princípios em comum. O princípio multissensorial, que é tão valorizado por clínicos experientes, ainda não foi isolado em estudos de comparação controlados de instrução de leitura, mas a maioria dos programas que funcionam inclui a prática multissensorial para aprendizagem de símbolos. Abordagens instrucionais que são eficazes usam ensino explícito de relações entre letras e sons, padrões de sílaba e partes de palavras com significado, e fornecem uma grande quantidade de prática bem-sucedida das habilidades que foram ensinadas. Exercícios de construção de fluência, instrução de vocabulário, compreensão da linguagem e escrita também estão incluídos em programas abrangentes de instrução e intervenção. As habilidades de reconhecimento de palavras e ortografia são aplicadas na leitura com significado e escrita de frases e passagens de texto, e os alunos recebem *feedback* imediato se cometerem erros. Adivinhar palavras e pular palavras é desencorajado e substituído pelo conhecimento de como analisar e ler palavras desconhecidas.

Os alunos com dislexia geralmente apresentam déficits nas habilidades linguísticas subjacentes, envolvendo o processamento dos sons da fala (fonológico) e de símbolos escritos (ortográfico), assim como prejuízo na construção de vias cerebrais que conectam áreas de processamento da fala com e da escrita. As vias cerebrais

usadas para ler e escrever devem se desenvolver para conectar muitas áreas do cérebro e devem transmitir informações com velocidade e precisão suficientes. A maioria dos alunos com dislexia também têm pobre consciência fonêmica, o que significa que eles não estão cientes do papel que os sons desempenham nas palavras. Esses alunos também podem ter dificuldade em rimar palavras, sintetizar sons para formar palavras ou segmentar palavras em sons. Por causa de sua dificuldade em estabelecer associações entre sons e símbolos, eles também têm dificuldade em aprender a reconhecer palavras automaticamente (“de memória”) ou rápido o suficiente para permitir a compreensão. Se não forem precisos no uso dos sons ou símbolos, eles terão dificuldade em memorizar palavras comuns, até mesmo as “pequenas” palavras em seus livros. Eles precisam de instruções especializadas para dominar o código alfabético e formar essas memórias. Em suma, esses alunos precisam de um *Ensino sistemático* para alfabetizarem-se.

Diretrizes de Conhecimentos e Práticas da IDA - O que os professores de alfabetização devem saber e ser capazes de fazer

A pesquisa demonstrou que, quando a leitura é ensinada por professores de leitura altamente qualificados e habilidosos, todas as dificuldades de leitura, exceto as mais graves, podem ser “resolvidas” ou, pelo menos, pode-se obter uma grande melhora. A pergunta é: “O que significa *altamente qualificado e habilidoso*?”

Para responder a esta pergunta, a IDA escreveu as Diretrizes de Conhecimentos e Práticas para Professores de Leitura. Essas diretrizes descrevem o que os professores de leitura – professores de sala de aula, terapeutas, médicos, intervencionistas, clínicos e voluntários de alfabetização – devem saber e ser capazes de fazer para ensinar qualquer aluno, especialmente aqueles com dislexia, a ler bem. As Diretrizes da IDA podem ser encontradas em www.interdys.org.

Além de definir, por excelência, o perfil do professor de leitura, as Diretrizes da IDA servem como métrica para medir a qualidade dos programas que preparam professores de leitura. Em última análise, essas diretrizes determinarão se um professor adquiriu o conhecimento e as habilidades necessárias para ensinar a leitura de modo efetivo. Essa determinação será baseada na conclusão satisfatória do curso, na conclusão bem-sucedida de um estágio supervisionado e na demonstração de

competência em um exame de certificação – todos baseados nas Diretrizes da IDA. A IDA deu os primeiros passos para garantir que houvesse, em todas as salas de aula, um professor de leitura altamente experiente e habilidoso no emprego da *instrução estruturada da Alfabetização*.

5

Administrando a educação de um estudante com dislexia

Neste capítulo, você aprenderá conselhos importantes sobre como administrar a educação de um aluno com dislexia. Você também aprenderá algumas dicas de atividades que deve incorporar todos os dias para aprimorar as habilidades de linguagem e alfabetização.

Acima de tudo, eduque-se

Participe de conferências, leia livros sugeridos e converse com pais que “passaram pela mesma situação”. Ouça e leia atentamente. Aprenda tudo o que puder sobre a natureza das dificuldades de aprendizagem de seu filho. Anote as estratégias parentais ou acadêmicas específicas que tiveram sucesso, aquelas que você acha que podem funcionar para seu filho. Ao educar-se, você não apenas mantém a autoconfiança que lhe ajudará a lidar com os profissionais da área, mas também estará em uma posição mais vantajosa para tomar decisões sobre a trajetória educacional e a vida emocional de seu filho.

Crie um caderno do trabalho do seu filho

Invista em um furador de 2 furos e compre um fichário de 2 argolas. Compile o trabalho do seu filho – tudo, desde folhas de dever de casa amassadas a provas realizadas e páginas de livros de exercícios. Organize os trabalhos cronologicamente e por assunto. Inclua informações anedóticas também. Traga-o para as reuniões como documentação escrita do progresso do seu filho (ou falta de progresso). Como alguém que acompanha o trabalho diário de seu filho, você está em uma boa posição para fazer sua própria análise. Por exemplo, um pai descobriu que as notas baixas de seu filho nos testes



de matemática não eram um reflexo de seu mal entendimento do conceito, mas um simples erro mecânico: ele se esqueceu de reduzir as frações ao menor denominador comum. Neste caso, foi o pai da criança que descobriu o problema.

Mantenha suas expectativas altas

Muitas vezes, professores e pais diminuem suas expectativas *por causa* das dificuldades de aprendizagem de seus filhos, quando, na verdade, essas crianças precisam de expectativas elevadas e metas razoáveis. Quando as expectativas são altas, os alunos são forçados a enfrentar suas dificuldades. Em um ambiente de apoio e encorajamento, eles aprenderão como lidar com a situação. Sim, haverá contratempos e momentos de frustração, mas isso não significa rebaixar seus padrões, e sim ajudar seu filho a perseverar diante da adversidade.

Visite a sala de aula do seu filho com frequência

Ofereça seu tempo para participação na sala de aula do seu filho da maneira que puder ajudar. Primeiro, isso permite que você observe como seu filho funciona em comparação



com seus colegas. Em segundo lugar, aumenta a quantidade de tempo que você tem com o professor. Seu objetivo é promover uma relação de trabalho próxima entre você e o professor. Seu filho se beneficiará com essa interação frequente, porque você estará “por dentro” das tarefas e demandas, especificamente em termos de expectativas para as tarefas. Além disso, você terá uma “visão privilegiada” do estilo de ensino do professor. Com essa perspectiva, você certamente se sentirá mais capacitado ao administrar a educação de seu filho, em geral, e mais capaz de ajudar com as tarefas de casa individuais.

Mantenha um arquivo de referências potenciais

O que incluir neste arquivo? Para começar, nomes de tutores especialistas em instrução sistemática de alfabetização, e que podem ajudar seu filho a aprender a ler. A referência de um pediatra que entende sobre dificuldades de aprendizagem é

imprescindível. Se há questões associadas à medicação que requeiram atenção cuidadosa, você vai preferir um médico que não seja apenas compreensivo, mas que conheça as necessidades especiais do seu filho. Um conselheiro que lide especificamente com apoio emocional e planejamento educacional, como a colocação de crianças com dificuldades de aprendizagem na faculdade, pode ser um recurso útil. Um advogado confiável é outro recurso para incluir em seu arquivo. Essa pessoa pode ser um parceiro objetivo que pode acompanhá-lo às reuniões escolares, às vezes árduas e emocionalmente difíceis. Um psicólogo que trate crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem pode também ser um nome a ser armazenado em seu arquivo. A adolescência é uma época difícil para a maioria dos alunos, mas pode impor problemas ímpares para aqueles com dificuldades de aprendizagem. As informações de contato de administradores escolares e professores são úteis quando você tem dúvidas ou precisa de ajuda no planejamento para o futuro acadêmico e o sucesso de seu filho.

Seja paciente nos dias “difíceis”

Um dia "difícil" é quando as coisas simplesmente não estão em sincronia para seu filho. Sua leitura oral, que pode ser tipicamente lenta, mas precisa, parece ficar inexplicavelmente mais lenta e repleta de imprecisões e dificuldades de recuperação. Você saberá que é um dia "difícil" não apenas pelo aumento nos sinais sutis de angústia, como bocejos e suspiros pesados, mas também por uma mudança em seu nível de tolerância em geral. Tenha em mente que a inconsistência é comum para os estudantes com dificuldades de aprendizagem. É importante ajudar seu filho a reconhecer os dias difíceis, assim como reconhecer sentimentos de frustração e de desânimo. É igualmente importante ajudar seu filho a desenvolver estratégias para lidar com tais situações em dias difíceis. Em uma noite de dever de casa particularmente pesado, você pode precisar assumir uma parcela maior da leitura, ou escrever as tarefas do livro ou adiar a prática de matemática para um dia melhor. Mais uma vez, tranquilize seu filho de que dias “difíceis” ocorrem, sabendo que amanhã poderá ser um dia melhor.

Leia em voz alta com seu filho todos os dias

Ler para seu filho faz a diferença, não apenas para melhorar a compreensão geral e o vocabulário, mas também para melhorar as habilidades de decodificação. Enquanto seu filho está recebendo tratamento para dificuldades de decodificação, ele provavelmente está sendo exposto e lendo textos adequados ao seu nível de habilidade (textos que incluem conceitos sonoros que foram ensinados). Uma vez que evoluem para textos mais complexos, eles encontrarão palavras contendo uma variedade maior de conceitos sonoros, talvez alguns que ainda não foram introduzidos formalmente. Nesse momento, eles devem contar com habilidades de decodificação para descobrir a pronúncia correta de uma palavra aparentemente desconhecida. Se essa palavra estiver em seu vocabulário oral (aprendido ouvindo a linguagem), as chances de ler, de modo independente, a pronúncia correta serão muito maiores do que se a palavra não estivesse em seu vocabulário oral. Esses alunos, para os quais os pais leem muito, têm uma vantagem distinta em comparação àqueles alunos que não tiveram a mesma experiência com a linguagem.

Deixe seu filho ser um “especialista”

Seja uma habilidade não acadêmica, como costura, construção de uma casa na árvore ou desenho – ou o conhecimento sobre um assunto específico, como animais, esportes, filmes, computadores ou música – ajude seu filho a desenvolver uma área em que ele pode ser um *expert*. Por quê? Pode se tornar um tópico para trabalhos de redação abertos ou relatórios orais. Essa área de especialização pode se transformar em um *hobby* para toda a vida, proporcionando horas de diversão e satisfação pessoal. Também pode fornecer oportunidades para seu filho brilhar na frente de seus colegas e encontrar outras pessoas que compartilham um interesse comum. Essa é uma das maneiras pelas quais as amizades duradouras começam.

Comece um diálogo com seu filho

Converse com seu filho sobre suas dificuldades de aprendizagem. Seja honesto. Seja direto. Seu objetivo é desmistificar a noção de que algo está "errado". Seu filho já sente isso. Ajude seu filho a reconhecer seus sentimentos e a colocar as dificuldades de aprendizagem em perspectiva. Um ponto de partida pode ser uma conversa

específica sobre os pontos fortes e fracos ou falar em termos gerais sobre como as pessoas com dificuldades de aprendizagem têm “mentes especiais” que, por acaso, aprendem de maneira diferente. Ao fazer isso, você estabelecerá a base para uma conversa que se moldará continuamente ao longo dos anos. À medida que esse diálogo se desenvolve, nos anos do ensino fundamental e médio, você pode direcionar essa conversa para ajudar seu filho a se tornar seu próprio defensor. A representação de papéis deve ser parte integrante do diálogo a essa altura.

Mantenha o senso de humor

Aprender é um desafio, muitas vezes uma experiência dolorosa para crianças com dificuldades de aprendizagem. Eles precisam de risos em suas vidas, e muitos risos!



6

Transição para a faculdade²⁰

Este capítulo inclui informações sobre quando e como começar a planejar a transição para a faculdade. Apresenta dicas de como garantir adaptações para testes padronizados, além de perguntas e respostas comuns que a maioria das famílias achará úteis durante esta fase do processo educacional.

Introdução

Um número crescente de alunos com Transtornos de Aprendizagem e de atenção planeja ir para a faculdade, e isso é uma ótima notícia. No entanto, negociar o processo de realizar testes padronizados (possivelmente com adaptações), escolher as faculdades certas e navegar pelo processo de inscrição pode ser estressante, mesmo para o aluno mais organizado. Aqueles que conseguem ser aceitos nas instituições de sua escolha frequentemente ficam frustrados ao descobrir que as adaptações que receberam no colégio não são automaticamente concedidas na faculdade. Para alunos com Transtorno Específico de Aprendizagem (TEAp), fazer uma transição bem-sucedida para a faculdade é um processo de vários anos e um esforço em equipe que requer a contribuição do aluno, dos pais, funcionários da instituição e outros profissionais.



Quando é o melhor momento para começar a planejar a transição?

De acordo com o regulamento federal norte americano, Seção 614 (D) (I) (vii) (II), é exigido que, "começando na idade de 16 (ou menos, se determinado pela Equipe

20. Nota da equipe de tradução/adaptação: é importante denotar que muitas das informações apresentadas a seguir se referem à realidade de outros países, e que não necessariamente se aplicam ao Brasil.

PEI), uma declaração dos serviços de transição necessários para a criança, incluindo, quando apropriado, uma declaração das responsabilidades interagências ou quaisquer ligações necessárias”, precisa ser incluído no planejamento educacional. A “declaração de serviços de transição necessários” é um plano de longo prazo para ajudar os alunos em seus passos em direção à vida adulta. Alguns estados exigem que esses serviços comecem ainda mais cedo, quando a criança tiver 14 anos. Já na realidade brasileira, podemos contar com a equipe multidisciplinar tanto clínica quanto escolar que acompanham os alunos com dislexia²¹.

Para que o Programa de Educação Individual (PEI)²² seja mais benéfico, ele deve ser um documento direcionado a resultados, o que significa que as metas estabelecidas no PEI devem se concentrar exatamente no que o aluno planeja fazer quando se formar no Ensino Médio. Para fazer isso de forma eficaz, as metas pós-secundárias do aluno devem ser delineadas desde o início, e é, pelo menos em parte, obrigação da escola ajudar o aluno a adquirir as habilidades necessárias para atingir essa meta.

A tabela a seguir fornece uma linha do tempo de atividades que ajudarão os alunos e seus pais a se prepararem para a transição do Ensino Médio para a faculdade.

Série	Atividade/Tarefa
9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio	• Discuta opções para depois do Ensino Médio (por exemplo, ano sabático, emprego, escola técnica, faculdade/universidade); • Desenvolva habilidades de “autodefesa”²³. Certifique-se que o estudante entende e pode articular seus problemas de aprendizagem e saiba quais modificações são necessárias. O estudante deve participar ativamente

21. Nota da equipe de tradução/adaptação: parágrafo adaptado para a realidade brasileira.

22. Nota da equipe de tradução/adaptação: no Brasil esse serviço não existe, porém em algumas escolas pode ser ofertado pela equipe de psicologia escolar.

23. Nota da equipe de tradução/adaptação: “autodefesa” aqui tem conotação de conhecimento e habilidade para exigir seus direitos.

	nos encontros de PEI e praticar as habilidades de autodefesa nesses encontros; • Explique as forças e fraquezas do estudante para desenvolver seu entendimento acerca de suas limitações e potencialidades e tornar sua autodefesa mais efetiva.
1º ano do Ensino Médio	• Prepare o estudante para testes e provas (ao final do ano): ◦ Solicite adaptações; e ◦ Faça cursos preparatórios para as avaliações.
2º ano do Ensino Médio	• Inscreva-se para vestibulares; • Pesquise faculdades; • Faça uma lista de critérios de seleção de faculdades (por exemplo, tamanho da turma, disponibilidade de serviços de suporte e finanças) com a ajuda dos pais e equipe da escola; • Encoraje a participação em atividades extracurriculares e de liderança, assim como serviço comunitário. Responsáveis pelo processo seletivo procuram por candidatos que se engajam ativamente em seus colégios e comunidades; • Visite possíveis faculdades.
3º ano do Ensino Médio	• Limite o número de faculdades para diminuir a lista de possibilidades antes de se inscrever; • Fique atento aos prazos (apoio de pais e escola são muito importantes nesse estágio. Estudantes com dificuldades de organização podem achar desafiador solicitar simultaneamente cartas de recomendação, alinhar documentos e preencher formulários, sem deixar de atender às demandas da escola); • Comunique-se regularmente com a administração escolar para garantir que o estudante tem os pré-requisitos necessários para se graduar no Ensino Médio e se inscrever para as faculdades desejadas.

3º ano do Ensino Médio (férias antes da faculdade)	• Desenvolva habilidades para viver independentemente (por exemplo, estocar medicamentos e lavar roupas); • Comunique-se regularmente com a equipe da faculdade escolhida para garantir acomodações que são direitos de pessoas com Transtorno de Aprendizagem. Uma vez no campus, os estudantes vão precisar acessar vários recursos e implementar estratégias como manter um calendário, usar a biblioteca e se envolver com grupos de estudo.
Anos de faculdade	• Planeje com cuidado, monitore e modifique o plano original para ajustes necessários.

Como o estudante pode assegurar as adaptações necessárias para provas e testes (por exemplo, ENEM ou vestibular)?

De acordo com o edital da versão impressa do Enem 2020 (disponível no site <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/legislacao/enem>), participantes com dislexia têm direito a uma correção de redação que considere suas características linguísticas específicas (vide seção 15 do edital). Para isso, o participante deve solicitar atendimento especializado e anexar os documentos necessários para respaldar tal requerimento durante a inscrição (vide seção 6 do edital)²⁴.

Como o estudante prepara a documentação e aplicação do teste quando aplica para testes adequados para pessoas com Transtornos de Aprendizagem?

Políticas de admissão (seleção, provas etc.) e procedimentos variam e são atualizados de tempos em tempos, então o estudante e seus pais são encorajados a ir para o *site* da instituição em que o vestibular será realizado e procurar por informações sobre a política de aplicação desses testes para cada vestibular que o estudante planeja fazer. Em geral, será necessário o seguinte:

- *Verifique se você possui os documentos necessários (por exemplo um laudo médico ou multidisciplinar em que conste o diagnóstico) de acordo com as regras*

24. Item incluído pela equipe de tradução e adaptação, considerando a legislação brasileira.

de cada vestibular (instituição, Estado ou país)²⁵;

- Planeje com antecedência. Pedidos para adequações devem ser feitos meses antes do vestibular e demais provas. Se uma reavaliação for necessária, pode levar semanas ou até meses para ficar pronta, e uma vez que a inscrição seja enviada, seu processo de revisão pode levar ainda mais um tempo.

Quais serviços tipicamente estão disponíveis na faculdade?²⁶

Faculdades e universidades oferecem vários tipos de programas para estudantes com Transtorno de Aprendizagem, incluindo:

- **Programas estruturados** – programas abrangentes que podem ter um custo adicional associado. Esses serviços podem incluir procedimentos de admissão à parte, estratégias compulsórias, tutores individuais e monitoramento estudantil;
- **Serviços coordenados** – serviços usados conforme sejam necessários, sem serem obrigatoriamente abrangentes, eles são menos estruturados e a participação é voluntária;
- **Serviços** – o menos abrangente dessas três categorias. Estudantes que precisam de poucas adequações, mas que se sentem confortáveis em saber da disponibilidade de serviços, podem se beneficiar explorando faculdades que os ofereçam.

Quando o estudante deve fazer contato com a equipe de serviços de suporte da faculdade?

A maioria dos estudantes se beneficia ao fazer contato com o coordenador ou diretor dos serviços de suporte para



25. Nota da equipe de tradução/adaptação: esse item foi adaptado para aproximar-se da realidade brasileira. Sugerimos a consulta aos sites das instituições e/ou do MEC/Enem (<https://enem.inep.gov.br/>) para informações sobre adaptações/acomodações para estudantes com Transtorno de Aprendizagem.

26. Nota da equipe de tradução/adaptação: no Brasil, o ideal é verificar os serviços disponíveis em cada instituição para se estar ciente do que é ofertado.

peessoas com deficiências ou dificuldades já durante o Ensino Médio. Isso dá tempo ao estudante de aprender os tipos de suporte que a instituição oferece e determinar se a faculdade ou universidade se adequa às suas necessidades.

O estudante pode usar um PEI ou Plano 504 quando frequentar a faculdade?²⁷

A seção 504 do Ato de Reabilitação de 1973, a Lei dos Americanos com Deficiência de 1990 e emendas de 2008 para esse Ato, aplicam-se de modo diferente para a faculdade do que para os Ensinos Fundamental e Médio.

O PEI – Plano Educacional Individualizado – e o Plano 504 não se aplicam para formações após o Ensino Médio. Uma avaliação atualizada pode ser necessária para revisão pelo coordenador do setor de serviços de suporte da faculdade.

A Associação de Educação Superior, instituição americana, propôs sete elementos essenciais de documentos oriundos da avaliação profissional para nível universitário. Nos Estados Unidos, a maioria das faculdades, embora não todas, adotaram essa ou listas similares. *Para o contexto brasileiro, ela pode prover dicas relevantes em termos de quais informações são pertinentes e podem colaborar à adaptação do estudante ao contexto universitário²⁸.*

1. O documento²⁹ é emitido por um profissional com formação adequada, treinamento e experiência apropriados;
2. O documento contém um diagnóstico claro, descreve o processo até a conclusão diagnóstica, fornece informações sobre o impacto funcional associado e detalha o prognóstico;
3. O documento pode conter métodos formais e informais de avaliação. Instrumentos formais e padronizados podem incluir critérios diagnósticos, métodos e procedimentos, os testes e datas de administração, além de uma

27. Nota da equipe de tradução/adaptação: para informações sobre legislação brasileira e enquadramento do Transtorno de Aprendizagem nela, sugerimos: Lins, E. K. R. M., Stange, N., Avila, B. M., Maragno, D. M. D., Sartori, M., & Dias, N. M. (2021). A dislexia na legislação brasileira: orientações a pais e profissionais. Disponível em: <https://lance.paginas.ufsc.br/materiais-para-download/>

28. Nota da equipe de tradução/adaptação: parágrafo adaptado para a realidade brasileira.

29. Nota da equipe de tradução/adaptação: por documento, entenda laudo de avaliação, preferencialmente, por equipe multidisciplinar.

narrativa clínica. Métodos informais podem incluir, dentre outros, o levantamento do histórico de necessidades de adaptações, situações educacionais e o impacto do quadro clínico;

4. O documento deve conter informação de como o aprendizado é afetado atualmente. A atualidade da documentação, embora importante, é flexível de acordo com cada instituição e diagnóstico.
5. O documento deve fornecer informações de quaisquer mudanças cíclicas ou esperadas no impacto funcional do transtorno ao longo do tempo e em diferentes contextos e quaisquer impactos ambientais conhecidos ou potenciais;
6. O documento deve ser abrangente ao incluir a descrição de suportes atuais e passados, dispositivos assistivos, serviços de suporte e adaptações, incluindo sua efetividade no ambiente educacional.
7. Ao incluir recomendações de profissionais com histórico de ter trabalhado com o estudante, o documento tende a ser muito útil em determinar o quão efetivas serão as acomodações/adaptações.

No nível universitário, é responsabilidade do estudante, e não da instituição, procurar pelos serviços e acomodações necessários, sendo que esses não são retroativos. Por essa razão, é aconselhável assegurá-las logo antes do primeiro dia de aula.

Quais são as acomodações/adaptações básicas oferecidas por faculdades e universidades?

A maioria das faculdades oferece aos estudantes com transtorno de aprendizagem adaptações como: a realização das provas em locais silenciosos, com tempo extra para a finalização bem como a possibilidade de um auxiliar para anotações. Contudo, a logística de como essas adaptações ocorrem pode variar entre instituições. Por exemplo, em algumas faculdades, estudantes podem fazer as provas em um local específico, com supervisor; enquanto em outras é responsabilidade do professor garantir essas adequações. Em alguns locais, os auxiliares que realizam as anotações para os estudantes são remunerados e, portanto, tendem a estar mais disponíveis, enquanto em outros é uma atividade voluntária. Nesse caso, se não

houver voluntários, o auxílio deixa de existir. Novamente, requisições para as acomodações devem ser enviadas diretamente para a equipe da faculdade.

Se um estudante tem uma dispensa de aulas de línguas no ensino médio, ele pode ter uma na faculdade também?³⁰

Sucesso em assegurar uma dispensa de aulas de línguas na faculdade depende de onde se estuda e que tipos de serviços são oferecidos em cada instituição. O setor de serviços de suporte vai revisar a avaliação psicológica atualizada do estudante junto com as razões para precisar da dispensa desde o ensino médio. Se o pedido for aceito para a faculdade, os pais devem informar o profissional que realizou a avaliação caso uma reavaliação seja necessária.

O estudante deve revelar o Transtorno de Aprendizagem durante o processo de seleção?

Decidir se revela ou não um TEAp – Transtorno Específico de Aprendizagem – é uma escolha altamente pessoal. Muitos especialistas concordam que qualquer vantagem desta informação depende da gravidade da dificuldade, do nível de conforto dos pais e do aluno com a revelação, do nível de competitividade da faculdade escolhida, e da presença de qualquer "razão convincente" para revelar. Razões convincentes podem incluir irregularidades nos históricos escolares do ensino médio, tais como a ausência de créditos em línguas estrangeiras ou a necessidade de que a faculdade tenha um programa de assistência de TEAp altamente especializado.

Associado a isso, embora usualmente fosse possível às faculdades determinarem se um estudante deveria receber adaptações com base em um relatório a partir de uma



30. Nota da equipe de tradução e adaptação: nos Estados Unidos, estudantes com Transtorno de Aprendizagem podem solicitar formalmente a dispensa em cursos ou disciplinas de línguas sem que isso prejudique suas notas e trajetória acadêmica.

testagem padronizada, isso já não é mais o caso. Portanto, a menos que seja especificamente informado pelo estudante ou pelos pais, não há como as faculdades terem acesso à informação sobre se o estudante possui TEAp.

O que um estudante com Transtorno de Aprendizagem deve buscar na faculdade?

Considere as necessidades individuais do estudante e pesquise diferentes faculdades antes de decidir por uma. Além das considerações usuais, ao analisar as faculdades (por exemplo, dentro ou fora do Estado, bolsas de estudo e mensalidades), considere também o seguinte:

- **Nível de apoio:** O estudante precisa de suporte abrangente para TEAp ou de adaptações mínimas? Praticamente todas as universidades oferecem algum apoio, mas quanto mais abrangentes os cuidados que serão necessários, menor é a sua disponibilidade nas universidades;
- **Finanças:** Muitas universidades cobram taxas por serviços de suporte a TEAp, além da mensalidade. Não deixe de verificar esse aspecto antecipadamente para que não haja surpresas ou desapontamentos de última hora;
- **Extracurricular:** Atividades extracurriculares tais como praticar esportes ou se juntar a uma fraternidade são importantes para o estudante? Para muitos estudantes, estas atividades são uma parte vital de sua experiência universitária que oferecem apoio necessário, responsabilidade e suporte social;
- **Tamanho da classe:** Muitos alunos com TEAp progredem melhor em turmas menores, nas quais os professores conhecem seus nomes, estão disponíveis para conversar após a aula e a responder e-mails;
- **Professores:** Quem ministra o ensino? As grandes universidades muitas vezes têm como professores alunos de pós-graduação minimamente experientes que não conhecem tão bem a área de conteúdo ou não têm uma grande experiência a ser aproveitada para ensinar os alunos com TEAp;
- **Opções de moradia:** O estudante precisa viver sozinho em função de desafios cognitivos, emocionais ou sociais? Muitas instituições não têm esta opção para calouros e podem exigir um pedido de acomodação em moradia;

- **Recursos médicos:** Há acesso aos cuidados médicos para que o estudante possa continuar a receber novas prescrições ou outros cuidados médicos conforme necessário? Na faculdade, os estudantes muitas vezes acham difícil obter receitas médicas, particularmente para medicamentos estimulantes, por uma variedade de razões (por exemplo, eles não têm carro para chegar à farmácia ou não têm um médico local para prescrever receitas) e, portanto, eles param de tomar o medicamento no momento mais academicamente exigente de suas vidas. Este problema pode ser evitado com algum planejamento e previsão;
- **Transporte:** O aluno terá acesso a um carro? Os estudantes com TEAp geralmente precisam sair do campus para buscar medicamentos, comparecer a consultas médicas ou participar de sessões de tutoria;
- **Posicionamento da Faculdade:** Os membros da faculdade estão disponíveis a acolher estudantes com TEAp? A disposição do corpo docente para acomodar estudantes com TEAp é fundamental para o êxito do estudante;
- **Carga do curso:** Um aluno com TEAp pode pegar menos horas por período e seu curso ainda ser considerado de tempo integral? Esta é uma consideração importante para ajuda financeira. Em algumas instituições pode-se exigir matrícula em tempo integral para obtenção de benefícios;
- **Treinamento:** Os orientadores ou especialistas em aprendizagem que trabalham com estudantes com TEAp receberam capacitação específica?
- **Taxa de Graduação:** Aos estudantes com TEAp é permitido mais tempo para completar os requisitos da graduação? Se não estiverem fazendo o mesmo número de cursos ou créditos por período que seus colegas, os estudantes com TEAp podem levar mais tempo para se formarem;
- **Apoio aos pais:** Há alguém que os pais possam contatar se tiverem preocupações durante o ano acadêmico? Os estudantes universitários são considerados adultos, por isso muitas universidades têm políticas em vigor que não incluem os pais na vida acadêmica de seus filhos.

Frequentar a faculdade é muitas vezes visto como um rito de passagem, tanto para os alunos quanto para os pais. Ao procurar pela faculdade ou universidade mais adequada, é importante que você e seu filho considerem o ambiente do campus, o tamanho da classe e os tipos de serviços de apoio que são oferecidos. Um dos fatores

mais importantes para o êxito na faculdade é identificar as melhores adaptações para as necessidades do estudante. Com um planejamento adequado e uma antecipação de situações futuras, um aluno com TEAp pode ter uma experiência universitária positiva e um futuro brilhante.



7

Leituras e materiais recomendados sobre a Dislexia³¹

Leitura Recomendada para Crianças e Adolescentes

A lista de publicações a seguir foi compilada para fornecer recursos para crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem. Se você é pai, professor, terapeuta ou qualquer outra pessoa que fornece orientação e apoio a jovens com dificuldades de aprendizagem, esta lista pode ajudá-lo a encontrar recursos no nível apropriado.

Pré-escola e início do Ensino Fundamental

Moore-Mallinos, J., Roca, N. (2007). *It's called dyslexia*. Hauppauge, NY: Barron's Educational Series.

Ensino Fundamental

Dwyer, K.M. (1991). *What do you mean I have a learning disability?* New York, NY: Walker & Co.

Esham, B., Gordon, M., & Gordon, C. (2008). *If you're so smart, how come you can't spell Mississippi?* Perry Hall, MD: Mainstream Connections.

Esham, B., Gordon, M., & Gordon, C. (2008). *Last to finish: A story about the smartest boy in math class*. Perry Hall, MD: Mainstream Connections.

Esham, B., Gordon, M., & Gordon, C. (2008). *Mrs. Gorski, I think I have the wiggle fidgets*. Perry Hall, MD: Mainstream Connections.

Esham, B., Gordon, M., & Gordon, C. (2008). *Stacey Coolidge's fancy-smancy cursive handwriting*. Perry Hall, MD: Mainstream Connections.



31. Nota da equipe de tradução e adaptação: as indicações originais da IDA foram mantidas, apesar de não estarem disponíveis em português. O profissional pode optar por realizar uma tradução do material, se julgar pertinente. Alternativamente, oferecemos, ao final desse tópico, algumas referências disponíveis em língua portuguesa.

Esham, B., Gordon, M., & Gordon, C. (2008). *Stacey Coolidge's fancy-smancy cursive handwriting*. Perry Hall, MD: Mainstream Connections.

Polacco, P. (1998). *Thank you, Mr. Falker*. New York: NY: Putnam Publishing Group.

Ensino Fundamental a pré-adolescentes

Betancourt, J. (1993). *My name is Brain/Brian*. New York: NY: Scholastic.

Denison, K. (1996). *I wish I could fly like a bird*. Schenectady, NY: Wildwood Creative Enterprises.

Gehret, J., & DePauw, S.A. (1990). *The don't-give-up kid and learning disabilities*. Fairport, NY: Verbal Images Press

Levine, M.D. (1993). *All kinds of minds: A young student's book about learning abilities and disorders*. Cambridge, MA: Educators Publishing Service.

Levine, M.D. (2001). *Jarvis Clutch- social spy*. Cambridge, MA: Educators Publishing Service.

Richards, R.G., & Richards, E.I. (2000). *Eli: The boy who hated to write: Understanding dysgraphia*. Riverside, CA: RET Center Press.

Stern, J.M., & Ben-Ami, U. (1996). *Many ways to learn: Young people's guide to learning disabilities*. New York, NY: Magination Press. [Audiotape also available].

Jovens adolescentes

Barrie, B. (1994). *Adam Zigzag*. New York, NY: Delacorte Press.

Blue, R. (1979). *Me and Einstein: Breaking through the reading barrier*. New York, NY: Human Sciences Press.

Fisher, G.L., & Cummings, R. (1991). *The school survival guide for kids with LD*. Minneapolis, MN: Free Spirit Publishing.

Griffith, J. (1998). *How dyslexic Benny became a star*. Dallas, TX: Yorktown Press.

Janover, C. (1998). *Josh: A boy with dyslexia*. Burlington, VT: Waterfront Books.



Adolescentes

Barrett, S.L. (1992). *It's all in your head: A guide to understanding your brain and boosting your brain power*. Minneapolis, MN: Free Spirit Publishing.

- Bauer, J.J. (1992). *The runaway learning machine: Growing up dyslexic*. Minneapolis, MN: Educational Media Corporation.
- Bauer, J.J. (1999). *Too much time on Sycamore Street: A self-help resource for adolescents and adults with learning disabilities*. Minneapolis, MN: Educational Media Corporation.
- Dunn, K.B., & Dunn, A.B. (1993). *Trouble with school: A family story about learning disabilities*. Rockville, MD: Woodbine House.
- Fisher, G.L., & Cummings, R. (1990). *The survival guide for kids with LD*. Minneapolis, MN: Free Spirit Publishing.
- Hallowell, E.M. (2004). *A walk in the rain with a brain*. New York, NY: Harper Collins.
- Hayes, M.L. (1994). *The tuned in, turned on book about learning problems*. Novato, CA: Academic Therapy Publications.
- Hipp, E. (2008). *Fighting invisible tigers: Stress management for teens* (3rd ed.). Minneapolis, MN: Free Spirit Publishing.
- Janover, C. (1995). *The worst speller in jr. high*. Minneapolis, MN: Free Spirit Publishing.
- Levine, M.D. (1990). *Keeping a head in school: A student's book about learning abilities and learning disorders*. Cambridge, MA: Educators Publishing Service.
- Packer, A. (1992). *Bringing up parents: The teenager's handbook*. Minneapolis, MN: Free Spirit Publishing.
- Smith, J. (2009). *Dyslexia wonders: Understanding the daily life of a dyslexic from a child's point of view*. Hampton, VA: Morgan James Publishing.

Leitura recomendada para pais e responsáveis

- Eide, B. & Eide, F. (2011). *The dyslexic advantage: Unlocking the hidden potential of the dyslexic brain* (1st ed.). New York: Hudson Street Press.
- Fitzhugh, L. (2014). *What is the appropriate reading instruction for a child with dyslexia?* International Dyslexia Association
- Hall, S. L., & Moats, L. C. (2002). *Parenting a struggling reader*. New York: Broadway Books.
- Kurnoff, S. (2001). *The human side of dyslexia: 142 interviews with real people telling real stories*. London: Universal.

- Moats, L. C., & Dakin, K. (2008). *Basic facts about dyslexia and other reading problems*. Baltimore: The International Dyslexia Association.
- Ott, P. (1997). *How to detect and manage dyslexia: A reference and resource manual*. New York: Heinemann.
- Rawson, M. (1988). *The many faces of dyslexia*. Baltimore, MD: The International Dyslexia Association.
- Reid, G. (2011). *Dyslexia: A complete guide for parents and those who help them* (2nd ed.). New York: Wiley.
- Shaywitz, S. (2003). *Overcoming dyslexia: A new guide and complete science-based program for reading problems at any level*. New York: Knopf.
- Siegel, L. M. (2007). *The complete IEP guide: How to advocate for your special ed child* (5th ed.). Berkley, CA: Nolo.
- Siegel, L. M. (2013). *Understanding dyslexia and other learning disabilities*. Vancouver, BC: Pacific Educational Press.
- Smith, J. (2009). *Dyslexia wonders: Understanding the daily life of a dyslexic from a child's point of view*. New York: Morgan James Publishing.
- Tessler, L. G. (2008). *One word at a time: A road map for navigating through dyslexia and other learning disabilities*. Amazon.
- Tridas, E. (2008). *From ABC to ADHD*. Baltimore: The International Dyslexia Association.
- Wright, P. W. D., & Wright, P. D. *Wrightslaw: From emotions to advocacy, the special education survival guide* (2nd ed.). Hartfield, VA: Harbor House Law Press, Inc.



Leituras e materiais recomendados sobre a Dislexia em Língua Portuguesa³²

Recomendação para toda a família

Filme: Como estrelas na terra (Taare Zameen Par).

Recomendação para Professores

Associação Internacional de Dislexia. (2020). Dislexia na sala de aula: O que todo professor precisa saber (Avila, B. M., Lins, E. K., Stange, N., Sartori, M. S., Dias, N. M. Trans.). Baltimore: Associação Internacional de Dislexia. (Obra original publicada em 2017). Disponível em <https://lance.paginas.ufsc.br/materiais-para-download>

Recomendação para pais e professores

Lins, E. K. R. M., Ávila, B. M., Stange, N., Sartori, M. S., & Dias, N. M. (2020). *Juntando as peças: aprendendo sobre a dislexia - Cartilha para pais e professores*. Disponível em: <http://lance.paginas.ufsc.br/files/2020/03/Cartilha-LANCE-Dislexia-Vers%C3%A3o-Beta-2.pdf>

Recomendação para crianças

Santos, B. & Capellini, S. A. (2020). *As aventuras de Lidinho: o que é dislexia?* Ribeirão Preto-SP: BookToy Editora.

Outras referências

Alves, L.M., Mousinho, R., & Capellini, S. A. (2018). *Dislexia: novos temas, novas perspectivas*. Rio de Janeiro: WAK Editora.

Moojen, S. M., Bassôa, A., & Gonçalves, H. A. (2016). Características da dislexia de

32. Item incluído pela equipe de tradução e adaptação.

desenvolvimento e sua manifestação na idade adulta. *Revista Psicopedagogia*, 33(100), 50–59.

Mousinho, R., Alves, L. M., Navas, A. L., Azoni, C. S., Celeste, L. C., Capellini, S., Ávila, C., & Santos, F. H. (2020). *Leitura, escrita e matemática: do desenvolvimento aos transtornos específicos de aprendizagem*. São Paulo: Instituto ABCD. Disponível em: <https://institutoabcd.org.br/ebook-leitura-matematica/>

Salles, J. F. & Navas, A. L. (2017). *Dislexias do desenvolvimento e adquiridas*. São Paulo: Pearson.

8

Glossário

Como qualquer campo profissional, a educação tem sua própria terminologia. A lista a seguir apresenta alguns dos termos mais comuns. Estes podem variar conforme a localidade geográfica e mesmo dentro dos Estados. Em uma região do país um instrutor pode ser referido como um terapeuta e em outra como um tutor especializado. Algumas vezes, diferentes palavras ou expressões são usadas para designar as mesmas coisas, tais como terapia de linguagem, terapia educacional e instrução estruturada e multissensorial de linguagem por um tutor qualificado.

Decodificação

Refere-se à habilidade de entender e aplicar o conhecimento da correspondência entre letra e som para leitura correta de palavras e frases.

Linguagem acadêmica³³

Linguagem acadêmica denota que os serviços oferecidos ao cliente são educacionais, com ênfase no ensino da leitura, ortografia, caligrafia e expressão escrita. *Terapia* indica que esses serviços são intensos e terapêuticos, e não se configuram simplesmente como uma tutoria.

NAR: Nomeação Automatizada Rápida

A habilidade de dizer rapidamente, em voz alta, os nomes de objetos, figuras, cores ou símbolos, como letras ou números, em uma sequência. Essa habilidade está associada com a leitura fluente.

Terapeuta Educacional

Um terapeuta educacional oferece intervenção individualizada, avaliação formal e informal de habilidades acadêmicas e manejo de casos para clientes com uma ampla variedade de transtornos e dificuldades de aprendizagem.

33. Nota da equipe de tradução/adaptação: o termo 'linguagem acadêmica' é incomum em português e não há uma terminologia ou equivalente que corresponda à tradução. De forma geral, refere-se a um tipo de instrução estruturada e multissensorial de linguagem. Para maiores informações, o leitor pode consultar o site da Academic Language Therapy Association em <https://altaread.org/about/>

Esse profissional possui capacitação para atuação com vários tipos de dificuldades de aprendizagem, com treinamento adicional em estratégias de avaliação e intervenção que abordam aspectos socioemocionais que têm impacto sobre a aprendizagem. Além disso, esse profissional define objetivos e desenvolve um plano de intervenção que engloba não só dificuldades acadêmicas, mas também aspectos socioemocionais da aprendizagem ao longo da vida através de uma combinação diversificada de estratégias de intervenção.

Terapeuta Educacional Certificado

A filiação de Terapeuta Educacional Certificado é aberta para terapeutas educacionais que possuam mestrado, tenham sido Terapeuta Educacional/Profissional membro engajado por pelo menos um ano e tenham atendido aos requisitos adicionais conforme especificado pelo Conselho de Certificação da Associação de Terapeutas Educacionais.

Terapeuta de linguagem acadêmica

Terapeutas de linguagem acadêmica (ou terapeutas acadêmicos) aprendem estratégias de ensino específicas para ensinar estudantes com dislexia - um Transtorno Específico de Aprendizagem em linguagem que afeta habilidades de linguagem oral (fala e compreensão auditiva) e de linguagem escrita (leitura, ortografia, caligrafia e expressão escrita).

Terapeuta de Linguagem Acadêmica Certificado

A Associação de Terapia de Linguagem Acadêmica (em inglês Academic Language Therapy Association (ALTA)) certifica terapeutas de linguagem acadêmica. Os Terapeutas de Linguagem Acadêmica certificados (em inglês Certified Academic Language Therapists (CALT)) concluíram cursos de estudo credenciados que oferecem treinamento extensivo e experiências práticas em ensino de linguagem estruturada multissensorial. Os Terapeutas de Linguagem Acadêmica têm conhecimento da lógica e da estrutura dos sistemas de língua inglesa: fonologia, fonética, ortografia, morfologia-etimologia, semântica e sintaxe. Eles sabem como oferecer o ensino da linguagem estruturada utilizando estratégias de ensino multissensorial.

Terapia Educacional

A terapia educacional considera o impacto da escola, da família e da comunidade no aprendizado do cliente, promove a comunicação com todos os membros significativos do convívio do cliente, e acompanha os objetivos socioemocionais e acadêmicos. Com o reconhecimento de que problemas emocionais, comportamentais e de aprendizagem estão frequentemente relacionados, e que o terapeuta educacional trabalha com todas as pessoas importantes preocupadas com a aprendizagem do aluno; o foco não está apenas na remediação, mas também na construção de habilidades de aprendizagem subjacentes e em ajudar os clientes a se tornarem aprendizes mais autoconscientes, independentes e eficientes.

Terapia Educacional/Profissional

A filiação profissional na Associação de Terapeutas Educacionais (em inglês Association of Educational Therapists (AET)) está aberta a terapeutas educacionais que possuam um título de mestre (ou que tenham atendido aos requisitos de nível de graduação e/ou cursos de nível superior), que estejam envolvidos em terapia educacional na prática privada, escolas públicas ou privadas, clínicas privadas, hospitais ou órgãos públicos, que tenham cumprido o mínimo de 1.500 horas de prestação direta de serviços e tenham completado suas horas supervisionadas como Terapeuta Educacional Certificado.

Terapia de Linguagem Acadêmica³³

O ensino começa com o básico e reconstrói o *continuum* de aprendizagem passo a passo. A terapia de linguagem acadêmica se inicia no marco zero para que nenhuma lacuna permaneça na compreensão da estrutura da linguagem do aluno. Os alunos aprendem estratégias sistemáticas de decodificação (identificação de palavras), codificação (ortografia), e de formação das letras. Os êxitos e os desafios dos alunos ao longo de uma aula indicam o planejamento das aulas subsequentes. A terapia de linguagem acadêmica é um ensino cumulativo, sistemático e estruturado que é elaborado e planejado para um aluno específico, ou um grupo de alunos, e é ministrado por um educador com treinamento especializado. Seguindo o conselho de Margaret Rawson, pioneira no campo da educação na dislexia, terapeutas de linguagem acadêmica orientam o progresso de seus estudantes “*o mais rápido que podem, mas o mais lento que devem*”.

Tutor

O termo *tutor* é utilizado tanto em um sentido geral, quanto específico, para se referir a voluntários e profissionais com uma ampla variedade de habilidades e qualificações, de modo que é muito importante perguntar e ter clareza sobre como o termo é usado em relação ao ensino que seu filho recebe. Tutores que carecem do treinamento descrito no IDA's *Knowledge and Practice Standards for Teachers of Reading* (Diretrizes de Conhecimentos e Práticas para Professores de Leitura) não terão o conhecimento necessário para compreender e atender às necessidades dos estudantes com transtornos específicos de aprendizagem de leitura como a dislexia. Alguns exemplos dos serviços que você pode esperar de diferentes tipos de tutores são descritos a seguir. A maioria de nós está familiarizada com o uso geral do termo *tutor* – um instrutor contratado para trabalhar com estudantes individualmente ou em pequenos grupos. Esses tutores geralmente usam métodos tradicionais de ensino para ajudar na realização de tarefas de casa ou trabalhos de um assunto específico ou áreas do currículo que estão causando dificuldades. Os tutores também podem ser habilidosos para ensinar sobre gerenciamento de tempo, conclusão de tarefas e habilidades de estudo. Esses tutores fornecem assistência educacional importante aos estudantes, ajudando-os a atingir seus objetivos acadêmicos; no entanto, eles *podem não* estar sujeitos aos padrões ou qualificações profissionais para um tutor e sua formação pode não incluir um treinamento abrangente em Transtornos de Aprendizagem de leitura, avaliação, manejo de caso e estrutura da linguagem.

Profissionais qualificados em linguagem estruturada multissensorial às vezes são referidos como instrutores ou tutores. Esses indivíduos completaram um intenso curso credenciado e possuem experiência prática no ensino multissensorial e estruturado da linguagem. Eles possuem um conhecimento profundo da estrutura da língua inglesa e oferecem instruções de linguagem utilizando estratégias de ensino multisensoriais. Eles são instrutores altamente treinados que conseguem oferecer instruções eficazes para indivíduos com Transtornos Específicos de Aprendizagem baseados na linguagem, como a dislexia.

Tutoria

A tutoria pode ajudar os estudantes a atenderem as expectativas de seu nível educacional em várias disciplinas obrigatórias, incluindo habilidades básicas de estudo.

Referências

- Birsh, J.R., Carreker, S., (3rd Ed.). (2011). *Multisensory teaching of basic language skills*. Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Co.
- Carreker, S. (2008). *Just the facts: Is my child dyslexic?*, 1-3. Retrieved October 1, 2014, from IDA website, www.interdys.org.
- Chase, C.A. (2013). *Just the facts: Transitioning from high school to college help for students with learning disabilities*, 1-6. Retrieved October 1, 2014, from IDA website, www.interdys.org.
- Fitzhugh, L. (2014). *What is the appropriate reading instruction for a child with dyslexia?* Retrieved October 1, 2014, from IDA website, www.interdys.org.
- Fletcher, J.M., Lyon, G.R., Fuchs, L.S., & Barnes, M.A. (2007). *Learning disabilities: From identification to intervention*. New York: The Guilford Press.
- Henry, M.K. (2003). *Unlocking literacy: effective decoding and spelling instruction*. Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Co.
- International Dyslexia Association (2010). *Knowledge and practice standards for teachers of reading*. Retrieved October 1, 2014, from IDA website, www.interdys.org
- International Dyslexia Association (2013). *Just the Facts: Recommended reading for children and teens*, 1-2. Retrieved October 1, 2014, from IDA website, www.interdys.org
- International Dyslexia Association (2009). *Just the Facts: Recommended reading for Parents*, 1-2. Retrieved October 1, 2014, from IDA website, www.interdys.org
- Kravets, M., Wax, I. (2012). *The K & W guide to college programs and services for students with learning disabilities or attention deficit/hyperactivity disorder* (11th ed.). New York, NY: Random House.
- Lowell, S.C., Felton, R.H., Hook, P.E. (2014). *Basic Facts About Assessment of Dyslexia: Testing for Teaching*. Baltimore: The International Dyslexia Association.
- Marie, R.P., & Law, C.C. (2012). *Find the perfect college for you: 82 exceptional schools that fit your personality and learning style* (2nd ed.). Belmont, CA: SuperCollege, LLC.
- Moats, L.C., & Dakin, K.E. (2007). *Basic facts about dyslexia and other reading problems*. Baltimore: The International Dyslexia Association.

- Sawyer, D.J., & Jones, K.M. (2009). *Just the facts: testing and evaluation*, 1-6. Retrieved October 1, 2014, from IDA website, www.interdys.org.
- Schupack, H., & Wilson, B. (1997). *The "R" book, reading, writing & spelling: The multisensory structured language approach*. Baltimore: The International Dyslexia Association.
- Seghers, L. (Ed.). (2007). *Colleges for students with learning disabilities or AD/HD* (8th ed.). Lawrenceville, NJ: Peterson's Nelnet.
- Shaywitz, S. (2003). *Overcoming dyslexia: a new and complete science-based programs for reading problems at any level*. New York: Knopf.
- Tridas, E.Q. (Ed.). (2007). *From ABC to ADHD: What every parent should know about dyslexia*. Baltimore: The International Dyslexia Association.
- White, N.C. (2011). *Just the facts: Helpful terminology*, 1-3. Retrieved October 1, 2014, from IDA website, www.interdys.org.
- Wolf, M. (2007). *Proust and the squid: The story and science of the reading brain*. New York: Harper Collins Publishers.



Referência original

International Dyslexia Association. (2019). IDA Dyslexia Handbook: What Every Family Should Know. Baltimore: International Dyslexia Association.

Referência da versão traduzida

Associação Internacional de Dislexia. (2021). Guia sobre a dislexia da IDA: O que toda família deveria saber (Lins, E. K., Stange, N., Avila, B. M., Busatto, L. M., Sartori, M. S., Dias, N. M. Trads.). Baltimore: Associação Internacional de Dislexia. (Obra original publicada em 2019). Disponível em <https://lance.paginas.ufsc.br/materiais-para-download/>

Equipe de tradução e adaptação brasileira

Eduarda Kammers Lins

Naomi Stange

Bruna Martins Avila

Laura Muneron Busatto

Márcia Santos Sartori

Natália Martins Dias

